

VETERANOS DO MAR*

RUBEM GOMES FERRAZ

Subprocurador-Geral da Justiça Militar

O Brasil e o México foram os únicos países das Américas, além dos Estados Unidos e do Canadá, a enviar contingentes terrestres ao Velho Mundo, durante a Segunda Grande Guerra, a fim de oferecer combate ao opressor Eixo Berlim/Roma. Pelejou igualmente o País, nos céus da Itália, representado pelo 1º Grupo de Aviação de Caça. Naturalmente, precisava ir além da luta em superfície e nos ares a participação ativa dos brasileiros no mais

* Trabalho publicado no *JORNAL DO COMMERCIO*, Rio de Janeiro-RJ, de 11 de maio de 1995.

cruento conflito bélico que se conheceu até à data de hoje. Daí ter marcado também brava presença na chamada Batalha do Atlântico a nossa Marinha de Guerra, secundada pela Marinha Mercante, sua prestimosa reserva. Ora, de superior relevância quanto aos rumos e à sorte da guerra (1939-1945), em que os aliados, para alívio da humanidade, derrotaram fragorosamente as nações do Eixo, patenteou-se de novo o papel desempenhado pelo Poder Marítimo, a exemplo do que já sucedera, por ocasião de inúmeras conflagrações pretéritas, da Antiguidade ao século XX, sobretudo a imediatamente anterior (I Guerra Mundial). Tem-se por princípio incontrovertível o fato de que se o Poder Marítimo não basta, só por si, para se ganhar a guerra, rarissimamente, porém, deixará de aparecer como requisito decisivo para evitar a sua perda.

A Marinha Brasileira não faltou, no Oceano Atlântico, com seu considerável quinhão, traçando, com o heroísmo de sempre, linhas inescurecíveis nos livros de História pátria. Afinal, trata-se de Marinha provada na guerra, desde os duros combates da Independência. Marinha de Cochrane, de Tamandaré, de Barroso, de Inhaúma, de Mariz e Barros, de Greenhalgh, de Marcílio Dias, de Wandenkolk, de Custódio de Mello, de Luiz Phelipe Saldanha da Gama, de Alexandrino, de Pedro Max de Frontin, de Soares Dutra, de Ary Parreiras, de Garcia d'Ávila, ao lado de tantos e tantos outros nomes de proa da mais antiga das nossas Armas.

Dias atrás, tendo se celebrado o cinquentenário do fim das hostilidades, na frente europeia, afigura-se de não pequena oportunidade abordar a atuação dos abnegados marinheiros patricios no curso da árdua guerra naval. De início já coubera à Marinha a manutenção de nossa neutralidade, num período crucial, que se alongaria de 1939 a 1942. Ulteriormente, porém, deu-se o torpedeamento, por traiçoeiros submarinos alemães, de uma série de navios mercantes que arvoravam a impávida bandeira verde-amarela, sendo o primeiro deles o Buarque, afundado, em 16 de fevereiro de 1942, pelo U-432 nazista. Só em agosto desse mesmo ano, outros cinco iriam a pique. O Brasil então declarou guerra ao Eixo (19.08.42).

Logo, a guerra, para nós, principiou no mar.

No desenrolar da campanha a Marinha de Guerra perdeu três navios e 477 homens, ao passo que sua reserva, a Marinha Mercante, 31 embarcações e 469 tripulantes. A Esquadra brasileira, malgrado contasse apenas com 50 belonaves, comboiou, aproximadamente, 300 navios, o que correspondeu, em média, a 60 vasos mercantes, por navio de guerra. Atacamos ou destruímos 169 submarinos inimigos, 13 dentre estes constando como afundamentos oficialmente homologados; recolhemos em alto-mar 654 náufragos de navios torpedeados; levamos a cabo sistemáticas patrulhas marítimas, escoltamos os navios que transportaram a FEB, percorrendo em cada viagem (cinco ao todo) 9.360 milhas náuticas; efetuamos a varredura de minas e lançamos redes protetoras na entrada dos portos estrategicamente vitais, como os do Rio de Janeiro e do Recife; asseguramos o fluxo do transporte de óleo combustível e derivados; garantimos a defesa de nosso território mediante os contratorpedeiros Mato Grosso, Sergipe, Piauí e os navios mineiros Itapemirim, Itajaí e Itacuruçá (Rio de Janeiro); encouraçado São Paulo (Recife); encouraçado Minas Gerais e monitores Parnaíba e Paraguaçu (Salvador); rebocamos navios torpedeados (Flórida, Comandante Lyra e Saney); tampouco nos descuramos das ilhas oceânicas que nos pertencem, abastecendo a de Fernando de Noronha e guarnecendo ininterruptamente com destacamentos de fuzileiros navais a de Trindade, que dista cerca de 700 milhas da costa.

Que formidável Marinha a nossa! O mesmo navio que, qual cisne branco, em noite de lua, vai deslizando em mar azul (canção da Marinha), nunca deixou de sulcar, sempre que preciso foi, verdes mares bravios, defrontando o inimigo, em galharda defesa da soberania, da integridade e da honra nacionais.

MARCO ANTONIO PINTO BITTAR
Procurador-Geral da Justiça Militar

Confere:


Nelson Marabuto Domingues

Diretor-Geral